

## 1. À sombra do jequitibá

Marcos Alvito

Sem ter condições de ensinar algo de novo e extraordinário acerca da história oral, gostaria de compartilhar aquilo que tenho aprendido na aventura da pesquisa, sobretudo naquele momento decisivo e muitas vezes mágico em que nos vemos diante de uma outra pessoa e pedimos a ela que conte sua história. Será *uma história sobre histórias*. Adoto aqui a perspectiva de Portelli (2005, p. 3) de que em um trabalho de história oral não *estudamos* as pessoas e sim *aprendemos* com elas.

Até um certo dia de maio de 1995, eu era um pacato professor de História Antiga fazendo um doutorado na USP sobre o que eu chamava de “A apropriação social do corpo feminino em Atenas e Esparta”. Por conta de uma reviravolta pessoal e acadêmica que não cabe contar aqui, meses depois eu estava pesquisando a favela de Acari. Localizada a cerca de 25 quilômetros ao norte do Centro do Rio de Janeiro, era na época formada por três favelas e um conjunto residencial onde moravam, em uma densidade demográfica superior à de Copacabana, por volta de quarenta mil pessoas.

Aquela época, Acari era um dos principais postos de venda de drogas a céu aberto do Rio de Janeiro, palco de uma confrontação cotidiana e sangrenta entre policiais e jovens traficantes. Em meio a isso, uma comunidade de trabalhadores pobres, muitos deles acorrendo às três horas da manhã para pegar no serviço pesado de “car-

